

Eu nunca vi uma baleia mas deve ser assim azul azul azul azul: notas sobre arquivos, luto e memória.

Zé Caetano (Anderson José Caetano de Souza)¹

Resumo: Entrelaçando vivências íntimas, este escrito de artista investiga trauma, luto e ausência e o quanto esses elementos embaçam as fronteiras entre ética, memória e arquivo.

Palavras chaves: memória, arquivo, luto, trauma.

I've never seen a whale but it must be like this blue blue blue blue: notes on archives, mourning and memory.

Abstract: Interweaving intimate experiences, this artist's text explores trauma, mourning, and absence, and how these elements blur the boundaries between ethics, memory and archives.

Keywords: *memory, archive, mourning, trauma.*

¹ Zé Caetano é artista-pesquisador. Aluno do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Unirio. É mestre pelo mesmo programa, orientado pela professora Dra Tania Alice. Bacharel em Atuação Cênica pela mesma universidade. Foi estagiário no Museu de Imagens do Inconsciente. Integra, desde 2018, os Performers sem Fronteiras: coletivo internacional que atua com ações participativas em tempos e espaços de crise. Vínculo institucional: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Av. Pasteur, 436 - Urca, Rio de Janeiro - RJ, 22290-255. E-mail: caetano@edu.unirio.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2896-2607>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9661575546578828>. Rio de Janeiro-RJ.

Para o vendedor de placas de cemitério que me cobrou caro por uma placa de qualidade duvidosa para o túmulo do meu pai.

Seu filho da puta.

A ligação foi atendida rapidamente. Do outro lado da linha, fiquei um momento em silêncio. Gosto do silêncio e de como ele mede o tempo em outros compassos. Sua duração não é só uma sequência de segundos; ela se molda ao contexto. No telefone, até um silêncio breve é suficiente para interromper a chamada, como se o corte estivesse à espreita, aguardando para sinalizar um fim. Mas ali, não. Não havia espaço para o silêncio. Ela repetia alô, alô. Acho curioso que alguns dentistas não tenham secretários. Eles interrompem o trabalho para atender ao telefone ou abrir a porta. Imagino que façam isso para se manterem próximos dos problemas dos pacientes, com a chance de perguntar, ouvir, fofocar, abrir a porta com um sorriso. Essa dentista, em especial, me incomodava: às vezes, esquecia de tirar as luvas para atender. Nunca confrontei. Tenho medo de obturação, e também dos dentistas.

alô, alô. Senti que iria desligar. Uma desordem tempo espaço barbatanas o mar estava longe eu nunca vi uma baleia mas deve ser assim azul azul azul azul: o trauma está sempre atrasado em relação ao acontecimento que o suscita. Muitos acham que o trauma é o próprio evento. O trauma chega depois. As coisas não fazem sentido na hora que acontecem. Preciso demarcar a consulta de dentista do meu pai: o peso do corpo aumenta. Ali, senti o segundo tempo do trauma, quando me pergunta o porquê.

Escrevi em voz alta, buscando entre as palavras um espaço em que coubesse o que é “sentir a falta”. Destaco a importância de diferenciar “sentir a falta” de “sentir falta”. Repita, em voz baixa:

sentir a falta

Para mim, isso está automaticamente associado às possibilidades que permeiam questões sobre memória e arquivo. O que quero dizer é que, ao atravessar o espaço da falta, percebo que falta é sobre um rastro, uma marca de algo; então, a falta é alguma coisa que sucede um acontecimento ou uma presença. Assim, chego ao que vejo: a falta é um passado soterrado por um futuro. Já não consigo olhar para o passado sem pensar nas possibilidades — inexistentes ou não — da repetição ou da invenção de

um novo futuro com aquilo que falta. E, aí, talvez residam as possibilidades da memória e do arquivo como formas de não esquecer, de compor enquanto ação contrária ao esquecimento, de não esquecer a falta causada por aquilo que, não estando mais ali, ainda afeta. Ao pensar em memória, me lembro da ligação com a dentista, pois foi a primeira vez em que vi a palavra “suicídio” caminhando com “pai”.

Início: um arquivo é sempre uma falha.

E, aqui, não quero lidar com a falha como juízo de valor, mas como operação. Penso com Beckett: “Tentar de novo. Falhar de novo. Melhor de novo. Ou melhor pior. Falhar pior de novo. Ainda pior de novo. Até farto de vez.” Para, aqui, a falha ser um movimento contínuo. Falhar enquanto motor de experimentação.

Um arquivo é, antes de qualquer coisa, uma falha, uma denúncia de uma falha. Um arquivo é a denúncia da falha da memória. Sendo os arquivos uma extensão da memória individual e coletiva: tratam-se de locais em que a memória é materializada e preservada, de modo que permita que eventos passados sejam registrados e, assim, potencialmente recuperados no futuro. E, aqui, é importante pensar a memória, embora dotada de grande potência, como incapaz de assegurar tudo que lhe é captado. O arquivo vem como uma forma de manter a memória ativa, evitando, no futuro, possíveis falhas ou lacunas. É um processo de recorte em que as escolhas e as exclusões são forças que operam contra um possível esquecimento. Arquivo, no entanto, é também um espaço de poder, em que narrativas podem ser construídas e desconstruídas. Quem controla o arquivo, controla as narrativas que dele emergem. É uma arena de disputas — de golpes e de contragolpes narrativos — que se entrelaçam de maneiras complexas e, muitas vezes, controversas. Penso nos arquivos como expoentes de uma crise, um paradoxo; pois, ao mesmo tempo em que preservam a memória, eles também revelam sua fragilidade e seletividade.

A primeira vez que roubei foi quando — ainda criança — peguei dois reais da estante da sala de casa. Meus pais sentiram falta e apanhei de fivela de cinto. É um pedido de perdão: mãe, roubei algumas fotografias que estavam a certa altura do seu guarda-roupa. Sei que ficará triste quando sentir a falta dessas lembranças físicas. Eu te entendo. Roubei, pois precisava. Apliquei um contragolpe, uma tentativa de mostrar que aqueles recortes, aquela frágil construção narrativa era minha, também era minha.

Fui meticuloso e atento

subi em sua cama

depois trouxe

a escada

roubei com aperto

Mas ali que tudo começou, naquele encontro de construção de memórias suas que esbarraram com as minhas, e percebi que tínhamos um recorte diferente para olhar essa coisa que responde por “filha da puta”, mas também posso chamar de “saúde”. Eu queria que você me falasse mais sobre saudades.

Quando iniciei essa pesquisa, animado, comprei um gravador de áudio. É curioso comprar objetos que têm sua funcionalidade quase inútil: digo isso, pois um celular também grava áudio, mas eu não queria um celular, eu queria um gravador. Não sei explicar exatamente o porquê, talvez para dar alguma espécie de profissionalismo à coleta de depoimentos que me propus a fazer. Foi aí que as coisas começaram a desandar.

Me sinto um pouco carrasco em ter roubado fotografias do pai. Mas não me arrependo: talvez o meu maior arrependimento seja de não conseguir lembrar como era seu sorriso antes de tudo isso acontecer. A memória tem disso, ela vai.

Escrevo porque algo dói e pergunto: a quem pertence esse sentimento que ronda nossas casas?

Quem é o verdadeiro dono das memórias construídas em conjunto? As fotografias daquela tarde de domingo — com aquela felicidade nos rostos debaixo da sombra — são suas?

como te contar

que aquilo que você

com tanto carinho guardou

roubei.
a gente fracassou em tentar
organizar juntos nossas memórias
nossos fracassos
a ausência daquele nosso amor
do corpo daquele homem.
sei que não é certo
mas acho que faria tudo exatamente igual
exceto,
talvez
(mas só talvez)
não amaria
novamente
com tanta força
nosso homem, mãe
meu pai
Henrique já não teve essa coragem.
Explico quem é Henrique¹.

1 Embora eu odeie fazer isso.

Na verdade, Henrique se foi da minha memória. Reafirmo: por graça do destino, não vejo Henrique há 10 anos². Ontem mesmo, na minha análise, questionei Maria sobre a existência real de Henrique. Durante os cinquenta minutos de ininterruptos xingamentos, olhei nos olhos da minha analista e disse:

Talvez ele nem se chame Henrique.

O nome João combina mais com seu sorriso.

(Pausa)

Acho que nunca o vi sorrindo.

Contei para Maria que vi um homem nas ruas de Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Jurei que era Henrique. O segui por horas. Horas. Horas. Horas. Depois de contar isso, saí do divã e gritei alto, bem alto, alto mesmo. Horas. Sem hipérbole. Odeio exageros. Não era Henrique.

Henrique foi a pessoa mais triste com quem convivi³. Depois do nosso último encontro, eu chorei uma noite inteira, tudo me doía. Ele fez a maior das crueldades e me deu de presente aquilo que de mais bonito guardei no coração, o que me trouxe até aqui.

Chovia em Limeira, eu cheguei adiantado, tirei meu caderno e coloquei ao lado o pedido da professora Angela.

Henrique chegou encharcado em sala, tirou a blusa, não me olhou. Senti o gosto de suor e chuva de sua pele. Consigo sentir seu cheiro de testosterona, da juventude, de fim de tarde, de hominhos que ainda éramos e poderíamos estar em qualquer banheiro da escola, esfregando seus pentelhos nos meus.

2 Na realidade, quando revisei esse texto, percebi que houve um erro de cálculo: não vejo Henrique há 12 anos, cinco meses e três dias. Tinha apenas treze anos quando tive o desprazer de ter sua última companhia.

3 Isso é mentira.

Enfim, era aula de espanhol. Angela começou sua fala e pediu para que a turma se reunisse em grupos de até cinco pessoas, o que era impossível, pois éramos uma turma de dezesseis alunos. A proposta do exercício era simples e prática. Na semana anterior, Angela solicitou a cada estudante que levasse uma foto de sua família. Deveríamos apresentar nossa família e descrever suas características com adjetivos em espanhol.

Comecei. Falei de papai, de mamãe e de irmã, sorridente com uma fotografia do dia em que fomos ao zoológico de Campinas e fizemos um lindo piquenique que acabou com uma briga terrível entre meu pai e minha mãe: porque vocês sempre se odiaram. Podem falar agora que um já está morto mesmo. E aí, eu estava animado, porque parecia que eu poderia conhecer um pouco do infinito de cada pessoa, mas a euforia logo passou quando percebi que não era tão divertido assim — comecei a me entediar. A roda girava e todos diziam coisas genéricas, chatas e maçantes sobre seus familiares com um retrato mediano e feios (por que esses retratos são tão feios?) nas mãos.

Só falta você, Henrique. Foi aí que eu nunca conseguirei te perdoar. Henrique abriu sua pasta, tirou de lá dois recortes de revista com três pessoas: uma mulher de quarenta e três anos, abraçada com um homem de cinquenta e cinco, ambos sorriam e debochavam da minha cara; e um adolescente de quinze anos com o braço cruzado e um *skate* nos pés. Eram três modelos recortados de uma propaganda qualquer de uma revista barata. Você começou a dizer que eram seu pai, sua mãe e você, e descreveu detalhadamente como eles eram. Eu fiquei aterrorizado, Henrique. Aqueles não eram seus pais e aquele modelo estranho não era você. Você mentiu. Acabou sua fala e a gente ficou em um silêncio terrível, assustados com aquela coisa que você foi capaz de fazer. Até que Fernanda disse:

Por que você está mentindo? Esses não são seus pais. Esse não é você.

Henrique fez um jogo que mudou a minha percepção sobre arquivo: trouxe — sem cuidado e, para mim, de forma violenta — o arquivo para o campo da criação. Hoje, eu acredito que — embora seja óbvio que aquilo não era a família de Henrique — ele selou algum pacto criativo em mim, quase uma convocação para encarar os documentos de um arquivo como projetos de algo que pode estar também no campo de uma invenção, de uma criação: arquivo é, antes de tudo, um objeto já manipulado, um campo dinâmico em que a seleção, a interpretação e a contextualização das

memórias são inevitáveis. O que se escolhe preservar, destacar ou omitir molda a narrativa construída a partir desse arquivo. Dessa forma, o arquivo em arte não é apenas preservação, mas também um convite à criação e à transformação contínua.

Henrique, que de nada tinha de excepcional fez aquilo que nunca tive coragem: inventou sua família; e isso foi o que me deu mais raiva. Nunca vou me esquecer desse dia. Desse acontecimento. Henrique não voltou mais para a aula.

Ao trazer Henrique, penso que, ao trabalhar com arquivos e memórias, uma questão ética se impõe: ao explorar o uso de arquivos pessoais em trabalhos artísticos que se entrelaçam com depoimentos e histórias de pessoas “reais”, surge a questão das pessoas, ali apresentadas. Elas existem para além da obra e continuarão suas vidas após o fim da ação cênica ou performativa. Como, então, trabalhar com a matéria bruta da vida em diálogo com a construção artística?

Ademais, penso/questiono: a quem pertence a memória? Pertence a cada pessoa que viveu a experiência? E a que custo a família, que tenta manter vivos, através de anos, arquivos e memórias, assegura o direito daquilo que não é somente de um, mas de um coletivo?

Enquanto redigia este texto, me lembrei da vez em que “esbarrei” com um lindo caderninho amarelo no armário da minha irmã mais velha. Eram anotações, poemas de amores, vagos amores da adolescência. Pouco tempo depois, descobri que minha irmã tinha uma paixão pelo nosso vizinho. Senti em minhas mãos um furor único, um desejo implacável: a fúria de um arquivo em mãos me deixou excitado. Embora eu ainda não tivesse ouvido aquela palavra na vida, me sentia assim: excitado. Com isso, cheio de delírio e encanto, me encarreguei de fazer o amor acontecer e joguei o caderno pelo telhado. O pobre caderninho amarelo caiu no quintal da casa ao lado, o barulho foi tão alto que parecia com o de chuva de pedra de granizo. Minha irmã ouviu e tudo isso me rendeu um tapa na cara, longos xingamentos e um choro insuportável. Acho que ali descobri o perigo da intimidade — encontrei, no longo tapa na cara, um castigo por ter violado aquilo que não era meu. Senti em minha pele a legítima raiva da minha irmã por ter entregue aquele caderno — parte de um arquivo de amor — ao seu destinatário. Interrompi, frustrei algo. Rompi a intimidade que não devia. Inclusive, sobre ela, a intimidade: íntimo é tudo aquilo que a gente coloca os órgãos genitais

e o coração. Acho que, por isso, minha irmã estava tão frustrada: colocou o coração e eu impedi os órgãos de se encontrarem.

O gravador de áudio fervia, em silêncio, no bolso do meu shorts. Todas as minhas idas a Limeira⁴ eram promovidas por perguntas sobre o meu pai, o passado da minha família, as nossas histórias — tudo era minuciosamente gravado e transcrito. Eu estava tão animado com os rumos disso que nem sabia nomear; estava ali, acontecendo.

Estávamos no carro — minha mãe, minha irmã e eu —, a conversa estava sendo gravada sem o consenso das duas. Já reunia uma série de gravações. Houve uma tensão, uma explosão silenciosa e, com um toque de palavras dentro do carro, minha mãe começou a gritar e a chorar.

O gravador queimava em meu bolso e eu sentia vergonha de ter registrado aquele momento: não, não pelos gritos, mas pelo que minha mãe contou. Eu senti que ali fui um algoz, invadi um campo que não era meu. Ultrapassei um limite ético. Errei. Preciso parar de escrever agora.

Lembro da primeira vez que vi um esqueleto de baleia. Era criança, estava em uma praça, no litoral, os ossos eram brancos. Eu estranhei. Enquanto minha mãe gritava e chorava, fiquei quieto, imóvel, pensei naquela visão, naquele bicho enorme vazio vazio vazio vazio e, com ausência do corpo, eu via o outro lado, as pessoas passando. Era uma desordem de tempo espaço o mar, agora, estava do meu lado e eu já vi uma baleia assim bem assim quase assim: perto. Não era azul era vazio.

A gente lida bem com o vazio da falta. Olha a gente ali, bem ali, com ela, com a falta, com o vazio indo, bem ali. Lembro que minha mãe disse

Olha a baleia, filho.

Apontava para aqueles enormes ossos. Vazio é o que não falta.

Gosto da obturação estragada, quando apodrece e a massa solta do dente,

4 Alguns têm sorte, outros nascem em Limeira. Faço parte desse segundo grupo.

denunciando um enorme vazio na estrutura. É curioso porque a sensação é sempre de ser algo bem maior do que realmente é. A língua tenta preencher aquela estrutura: a língua tem dessas errâncias de procurar, assim como a memória, o dente que sempre dói mais. Os dentes são curiosos pois nunca são os mesmos, temos dez dentes de leite, na infância, e vinte na fase adulta⁵. Quando minha mãe, ali no carro, contou sobre a primeira vez que ela sofreu abuso, dentro de casa ali bem pertinho ali mesmo onde a gente sempre ia onde a gente conseguia ver pelo cheiro da terra a vinda das primeiras gotas de chuva, era ali, estranhamente tão distante que parecia perto demais da minha carne. Quando minha mãe contou, eu senti, era como se os dentes de leite tivessem mudado. Algo aconteceu e eu lembrei de quando os dentes cresciam, doíam na minha boca pequena e eu sentia vontade de chorar. Não havia nada, ali, que pudesse ser negociado, como se algo perdesse a inocência — um dente de leite a menos — e surgisse uma percepção crua sobre o que é realmente inegociável e irreparável, tanto nos dentes quanto na memória. Pela primeira vez, eu achei que pudesse ser algo que tivesse acabado. Acho que várias vezes, enquanto escrevia, pensei que poderia dar um fim. Eu quis me ver livre disso tudo, mas a gente não se livra dessas coisas. Várias vezes, torci (baixinho, bem baixinho) para que tivesse acabado. A gente não está livre dessas coisas. A liberdade é sempre uma condicional, uma negociação. Recentemente, meu pai voltou a aparecer e eu pedi:

Pare de invadir meus sonhos

minha escrita

pare de me procurar

por favor.

Pelo menos, temporariamente.

Até eu (talvez) encontrar uma nova obsessão.

5 Uma baleia tem cerca de vinte e seis dentes, eu pesquisei. Provavelmente, baleias também têm dentes de leite, pois, assim como humanos, também são mamíferos.

Eu sabia que era um pedido falso, não quero isso. Prometi nunca mais fazer pesquisa em/sobre intimidade, no entanto eu também prometi, na virada do ano, não tomar mais Coca-Cola e bebo, semanalmente, no mínimo, três litros de uma coquinha geladinha. Eu não sei lidar com promessas e, por isso, aprendi a pedir. A pedir o que acabei de te falar. A pedir um tempo de silêncio para reconciliar a gente.

Quando era pequeno, sentia falta de companhia para dormir. Eu atravessava silenciosamente o imenso corredor que levava ao quarto dos meus pais, grudado na parede. Sempre acreditei que, se algo pudesse acontecer, era melhor evitar ao máximo a facilidade do possível fenômeno. Explico: caminhando até o quarto dos meus pais, eu juntava meu corpo contra o frio reboco da parede, porque acreditava que, se algum tipo de assombração quisesse me levar, teria mais trabalho do que se meu corpo ocupasse o meio do corredor. Essa lógica é a mesma dos pés: ninguém dorme com os pés esticados para fora da cama para não facilitar que o bicho-papão puxe. É conhecimento popular.

Eu abria lentamente a porta barulhenta, encostando no chão com as pontas dos pés como se estivesse em uma coreografia de balé⁶. Adentrava o quarto com as mãos cruzadas, quase como em oração, pedindo para que nenhum mal da noite pudesse me abraçar. Caminhava e sentia como se tudo se dobrasse em quilômetros de distância percorridos no breu, que não era tão escuro, pois contava com minha habilidade de saber onde cada objeto da casa, cada obstáculo da minha maratona noturna e perigosa estava. Só o olhar já dizia. Chegava na contramão da noite tranquila regada de roncos e uma ou duas palavras que meus pais soltavam, enquanto estavam nos braços de alguma divindade que protege o sono dos filhos das putas dos trabalhadores exaustos. Eu abria meus arregalados olhos e ficava ali, até que um deles se assustasse e percebesse que havia um terceiro presente no ambiente. Na maioria das vezes, não se assustavam, talvez por saberem que sempre há um terceiro em toda relação amorosa para completar o complexo vicioso ou por entenderem que, quando se tem um filho, assina-se um contrato vitalício de noites inteiras de insônia e longe dos braços de qualquer sono, qualquer mesmo. Minha mãe dizia que a

6 Nunca fiz balé.

maior decepção dela não foi ter um filho viadinho, foi ter uma criança chata, que não dormia. Depois, lógico, a viadagem foi uma grande questão.

Eu rezava baixinho, minto, mentalmente, para que fosse meu pai que me encontrasse ali. Ele já havia aceitado meu segredo. Era simples: para me acalmar, apertava minha cabeça contra seu peito e murmurava algo como “você não tem jeito”, “você não deixa ninguém dormir” ou “puta que pariu, que inferno de vida”. Eu não ouvia; as palavras soavam como algodão doce. É engraçado, porque eu sempre evito comer algodão doce, odeio ficar com as mãos sujas, melecadas, mas eu sempre limpo minhas mãos na camiseta, na região do peito (ou na parte direita do shorts).

José, quando sentir a falta, não coma docinho: você tem tendência à diabete.

Um dia me tranquei no banheiro só para falar a palavra mãe. Saudade.

(Grace Passô, *Mata teu pai*)